

POSTO DE SAÚDE DA VILA GAÚCHA PIVÔ DA ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

*Flávio Helmann**

*Celsa Zucco***

*Erwin Hunter****

Fazemos aqui um relato da experiência de Ação Social Pastoral desenvolvida na Vila Gaúcha, uma das várias Vilas Populares de Porto Alegre, pelas Irmãs Carlistas da Província Imaculada Conceição, vinculadas ao Hospital Mãe de Deus. O trabalho junto a esta Vila organiza-se a partir de uma equipe multidisciplinar e efetiva-se através de lideranças comunitárias, abrangendo três áreas básicas: Saúde, Evangelização e Ação Social. Entretanto, a área da saúde constitui-se no eixo irradiador donde decorrem as demais ações.

A Vila Gaúcha

A cidade de Porto Alegre, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), conta com 69 favelas que comportam 25.371 moradias. A Vila Gaúcha constitui-se numa delas e abriga cerca de 500 habitações, com uma população estimada em 2.500 pessoas¹. A Vila possui características gerais comuns às demais favelas do País, fruto do fenômeno da urbanização que inchou as grandes cidades com o impactante processo de migração clássico campo-cidade. Os primeiros moradores chegaram nos meados de 1970, época em que pela primeira vez nos registros dos censos brasileiros a população urbana superou a rural.

Este processo migratório clássico evidencia-se, no caso da Vila Gaúcha, quando constatamos que aproximadamente 72% das famílias são oriundas do interior do Estado, sendo a região de maior procedência a de Sarandi, região de forte tradição agrícola, onde se localiza o acampamento da Fazenda Anoni, símbolo da luta dos Sem Terra no Sul do Brasil.



Foto: Silvio Fontoura

Localizada no alto do Morro Santa Tereza, popularmente conhecido como Morro da TV, a Vila integra o 4º Distrito Sanitário de Porto Alegre. Estão inseridos neste Distrito, o centro da cidade, o bairro Menino Deus, outros 10 bairros e 46 vilas populares. Os quase 6 hectares de área da Vila, são propriedade legal de alguns particulares, uma instituição filantrópica, FEBEM-Governo Estadual e Prefeitura. No entanto, a propriedade de fato é das famílias que lá residem por ocupação constante, que se iniciou na década de 70 e persiste até hoje, sob as formas mais variadas. Trata-se de área considerada imprópria para moradia, pelas condições que o terreno apresenta. Os serviços urbanos são precários. De oficial, existe uma linha de transporte coletivo e uma escola de 1º grau nas proximidades. No mais, as redes de luz e água são clandestinas e oferecem riscos à saúde e segurança da população. Somente 38% das residências possuem rede de esgoto, instalada pelos próprios moradores, apresentando extrema precariedade. Os acessos à Vila são estreitos e sem calçamento, sem contar que por eles correm juntos os canos d'água e o esgoto a céu aberto. O perfil da população é extremamente jovem, 49% possuem menos de 13 anos; a escolaridade é muito baixa, 25% das crianças em idade escolar não estão estudando, 14% das mulheres e 10% dos homens são analfabetos; a mão-de-obra constitui-se basicamente de domésticas, trabalhadores da construção civil e biscateiros.

Um Pouco de História

A ocupação da área dá-se de várias formas e em momentos distintos. Durante todos estes anos desde a sua formação, a Vila Gaúcha vem presenciando um fluxo constante de moradores: os novos que chegam, alguns que retornam e outros que saem. Existem casos de moradores que já estão morando na Vila pela terceira ou quarta vez. Algumas das mais preciosas lideranças, ali formadas, partem da Vila para lugares de melhor qualidade de vida ou para se arriscar em outras realidades semelhantes.

A Vila, apesar de possuir características comuns a outras tantas favelas brasilei-

ras, detém suas marcas bem específicas. Os primeiros moradores ocuparam a parte mais nobre do terreno, formando uma vila mais organizada na fachada da rua e na parte mais alta, ao passo que os moradores do "Cantão" e da parte baixa ocupam a área mais precária em relação aos acessos, água, luz, esgoto e habitações.

Existe entre os próprios moradores uma caracterização específica em relação aos diferentes grupos que formam a população da comunidade. Em relação ao tempo de moradia na comunidade, os mais antigos (52% moram na Vila há mais de 10 anos) julgam-se donos da terra e acusam os mais novos (15% chegaram há menos de 1 ano) de invasores, pois estes podem provocar ações de despejo na comunidade. Em relação à etnia, tratam-se como "os alemães", "os bugres" e "os negros". Em relação ao espaço que ocupam na Vila, identificam-se como os da parte alta, os do cantão e os da "rocinha", esta a parte ocupada por último, numa alusão à favela carioca.

Hoje, a origem da população já não é a mesma da verificada nos primeiros anos. Estão presentes em grande número famílias bem jovens, famílias provenientes de outras vilas ou bairros de Porto Alegre, bem como de cidades vizinhas.

Ao longo de sua formação e desenvolvimento, a Vila foi se constituindo para alguns como "um lugar de passagem para um lugar melhor" e para outros como "um local que conseguimos para fugir do aluguel e da mudança constante, um cantinho nosso"². Constantemente são erguidos novos barracos em pequenos lotes que hoje já são negociados por moradores mais antigos que se intitulam proprietários. Existem também aquelas famílias que adquirem barracos já prontos e habitados há mais tempo, aqueles que moram de aluguel em barracos ou peças e famílias que dividem juntas o mesmo barraco.

Alguns moradores, na tentativa de melhorar as suas condições de vida, resolveram em 1984 fundar uma Associação de Moradores para conseguir melhorias nos serviços urbanos. Contudo, a Associação conseguiu junto ao poder público uma ação apenas parcial no que tange aos problemas de água, esgoto, energia elétrica, saúde e coleta de lixo. Para a maioria dos moradores, a Associação representou algo de po-

sitivo para a Vila apenas em seus primeiros anos de existência, mais precisamente entre 84 e 89, conforme vemos nos depoimentos a seguir: "No tempo do seu J. é que era bom, ele se virava e conseguia as coisas para a Vila."; "Os outros presidentes só queriam tirar proveito pessoal com os tiquetes e nunca conseguiram nada para a Vila"; "Hoje a Associação não existe, o pessoal é desunido e não se consegue nada na prefeitura e no Estado". Atualmente encontra-se à frente da Associação uma diretoria cujo mandato já findou, totalmente sem ação.

O Posto de Saúde e a Comunidade

Através de um projeto do Hospital Mãe de Deus, de implantar um Posto de Saúde Avançado junto a uma comunidade de migrantes carentes, próximo ao hospital, as Irmãs Carlitas fazem-se presentes junto à Vila Gaúcha. Isto se dá logo nos primeiros anos de existência da Associação de Moradores. E já em 1986, o Posto, fruto também de uma reivindicação da comunidade, é inaugurado firmando-se um convênio com a Secretaria de Saúde do Estado. Através de uma equipe de agentes da saúde, formada por um médico comunitário, uma enfermeira e um auxiliar de enfermagem, o Posto passa a atender a comunidade de segunda a sexta-feira pela manhã. Cite-se que durante os primeiros anos, o trabalho no Posto restringia-se, fundamentalmente, aos procedimentos ambulatoriais e de consultório. Concomitante à implantação do Posto de Saúde, inicia-se um trabalho pastoral junto à comunidade que em 1987 passa a contar também com um centro comunitário.

De 1989 a 1991, a comunidade da Vila Gaúcha vive um período de desorganização interna, quando os trabalhos levados adiante pela Associação Comunitária e pela Igreja Católica entram em crise. Diante disso, da crise econômico-social que se agrava ano-a-ano, da debilidade dos serviços da rede pública e da precariedade dos serviços na área da saúde, o funcionamento regular do Posto faz com que este vá adquirindo importância cada vez maior para a comunidade, conforme evidenciam os depoimentos dos moradores: "O

Postinho é a melhor coisa que existe aqui na Vila''; ''Sem o Postinho não sei o que seria de nós''; ''É a única coisa que funciona, é muito importante, principalmente para as crianças''.

Mas, mais importante que o simples funcionamento regular do Posto, é que este foi se tornando o único espaço motivador de alguma ação coletiva da comunidade. Neste sentido ele passa a ser um local de referência, um ponto de encontro da comunidade. Local onde as pessoas podem conversar, partilhar seus problemas e alegrias. E neste particular, a sala de espera deixa de ser um lugar de tempo perdido para transformar-se em tempo e espaço de renascimento das iniciativas coletivas.

Percebendo que o Posto se constituía em algo tão importante para a comunidade, e que através dele era possível resgatar a dimensão construtiva das ações coletivas em vista de melhores condições de vida, uma equipe multidisciplinar (médico, enfermeira, sociólogo, auxiliar de enfermagem, agente de pastoral) e lideranças locais, iniciam um trabalho na Vila a partir da Sala de Espera do Posto.

É quando, sobretudo a partir de 1992, surge uma nova organização comunitária, baseada em grupos organizados por áreas de interesses específicos.

O primeiro resultado deste trabalho é a organização das mães da comunidade em prol de uma creche comunitária. Com um grupo de 20 mães inicia-se um movimento que conquista um local para funcionamento da creche junto ao centro comunitário. Realizam-se campanhas para arrecadação de fundos visando equipar a creche para a realização de almoços comunitários, através de pedágios nas avenidas da cidade e campanhas junto aos empresários e famílias do bairro. Promovem-se mutirões para limpeza, reforma e pintura da área destinada à creche. E, a partir de uma presença constante dos agentes nesta luta, elaborase um plano de gestão comunitária entre a comunidade e o hospital Mãe de Deus. Uma equipe de atendentes é contratada, sendo algumas pessoas da própria comunidade. Em 1993 a creche é inaugurada, atendendo a 30 crianças diariamente com alimentação, higiene, educação geral, programa de saúde, atividades lúdico-peda-

gógicas, bem como acompanhamento integral às famílias. Um dos alicerces de sustentação deste trabalho é o Conselho Comunitário da Creche, constituído por representantes da comunidade, pais das crianças, funcionários e das irmãs carlistas.

Um segundo grupo que se inicia a partir do Posto de Saúde, é o Grupo de Mulheres, o qual além de realizar trabalhos artesanais, propicia o surgimento de um espaço de convivência saudável e terapêutico.

Além do trabalho desenvolvido na sala de espera, existem ainda os grupos específicos de gestantes, idosos, hipertensos, adolescentes e mães de crianças com até 7 anos de idade. Inicia-se com estes um trabalho de prevenção de doenças, através da troca de experiências entre os participantes, da discussão dos fatores envolvidos na gênese e manutenção dos problemas, bem como através da busca de soluções possíveis que não só as baseadas na alopatia.

Como suporte importante para o desenvolvimento de todo este trabalho, quer na sala de espera, no consultório e através dos grupos específicos, estão as visitas domiciliares. Estas possibilitam entrar em contato com as novas famílias que chegam à Vila, ocasião em que se lhes oferece a oportunidade de se integrarem aos trabalhos da comunidade; possibilitam cadastrar as mulheres em idade fértil, gestantes, crianças e idosos; identificar fatores de risco à saúde no próprio domicílio; agendar consultas e acompanhamento pós-consulta.

Também deve ser mencionado o surgimento do grupo de agentes comunitários de saúde, os quais são treinados para atuar como propagadores internos à comunidade dos principais fatores envolvidos na prevenção de doenças, promoção e reabilitação da saúde, bem como quanto aos aspectos da organização coletiva visando solucionar problemas referentes ao saneamento básico, lixo, limpeza dos barracos e higiene pessoal, além de receberem treinamento para executar procedimentos básicos de enfermagem.

E, finalmente, a partir deste ano de 1994, passou a ganhar espaço nas discussões a necessidade e a importância de se reorganizar a Associação de Moradores.

Conclusão

Estes trabalhos nasceram a partir de uma percepção de que muito mais do que resolver os problemas específicos de determinadas enfermidades, onde um equipamento como um Posto de Saúde tem pouca resolubilidade, o resultado é muito maior quando a atuação se volta para a prevenção através da organização coletiva, no intento de agir sobre as causas, combatendo assim a raiz dos problemas. O trabalho da área de saúde, através desta orientação abrangente, colabora de forma decisiva para a organização global da comunidade, tanto na área da saúde como nas da evangelização e ação social.

* Flávio Helmann é sociólogo

** Celsa Zucco é religiosa e assistente social

*** Erwin Hunter é médico epidemiologista

NOTAS

1- Os dados percentuais aqui utilizados foram obtidos a partir de uma pesquisa quantitativa realizada junto aos moradores da Vila Gaúcha no primeiro semestre de 1993.

2- Os depoimentos aqui registrados foram obtidos através de entrevistas qualitativas realizadas junto a moradores da Vila Gaúcha no primeiro semestre de 1994.



Foto: Silvio Fontoura